

O ordenamento urbano da Praia do Titãzinho na voz de seus moradores.

S. Maia-Vasconcelos²; R. B. M. Rebouças¹; F. P. Vasconcelos¹;

¹Programa de Pós-Graduação em Geografia, LAGIZC, Universidade Estadual do Ceará, 60.175-135. Fortaleza, Ceará, Brasil

²Programa de Pós-Graduação em Linguística, GELDA, Universidade Federal do Ceará, 60.175-135. Fortaleza, Ceará, Brasil.

fabioperdigao@gmail.com;

(Recebido em 23 de fevereiro de 2013; aceito em 20 de junho de 2013)

Ao longo dos anos, as cidades vão modificando seus desenhos graças à ação constante do homem sobre a natureza. No caso específico do Titãzinho, a construção do Porto do Mucuripe e o seu molhe perpendicular à Praia do Futuro – molhe do Titã – fizeram acumular-se sedimentos a leste do porto, na linha de praia da Praia do Futuro, promovendo um ganho de aproximadamente 500 metros de faixa de praia junto ao molhe e gradualmente no restante da praia. Esse crescimento promoveu uma ocupação humana. Pessoas foram deslocadas dos seus ambientes domiciliares anteriores, pelas obras do porto, bem como a ocupação por pessoas advindas de toda parte do interior do estado, que vieram se instalar, construindo casas e ruas. Tivemos como objetivo identificar e compreender, pelo discurso da comunidade, a construção da paisagem e a formação da nova praia nas narrativas de moradores do Titãzinho. A pesquisa se justifica pelo ineditismo da proposta, e pela possibilidade de trazer à luz as vozes dos moradores e compreender a polifonia existente nos discursos em composição com o discurso institucional. Para a realização do trabalho, inicialmente, foi feito um estudo sobre a história do bairro, e em seguida elaboramos os roteiros das entrevistas de atuação junto à comunidade do Titãzinho. Contamos com o apoio da Associação dos Moradores do Titãzinho e dos seus Agentes Digitais que fazem a ponte entre pesquisadores e comunidade.

Palavras-chave: Ordenamento urbano, Paisagem, Narrativas e Praia do Titãzinho.

The urban planning of Titãzinho Beach in the voice of its residents

Over the years, the cities are modifying their designs owing to the constant action of man over nature. In the specific case of Titãzinho, the construction of the Mucuripe port and your water perpendicular to the Praia do Futuro-water of Titan-did accumulate sediments at East of Porto, on the beach of Praia do Futuro, a gain of approximately 500 metres of beach next to the water and gradually in the rest of the beach. This growth promoted a human occupation. People have been displaced from their home environments, by the works of the port as well as the occupation by people coming from every part of the State, who came to install, building houses and streets. We aimed to identify and understand , by the discourse of community, the landscape construction in the narratives of Titãzinho residents and the formation of the new beach in the voices of the residents. The research is justified by the originality of the proposal, and the possibility of bringing to light the voices of residents and understand the existing polyphony in the speeches in composition with the institutional discourse. To carry out the work was initially done a study on the history of the neighborhood to, in order, draft scripts of practice interviews in the community of Titãzinho. We rely on the support of the Association of residents of Titãzinho and its Digital Agents that make the bridge between researchers and the community.

Keywords: cytokinin, induce of shoots, micropropagation, tissue culture

1. INTRODUÇÃO

Os ambientes costeiros são reconhecidos mundialmente como áreas de expressiva fragilidade ambiental, cujos componentes integradores obedecem a uma dinâmica complexa, resultante direta da interação entre agentes continentais e litorâneos, naturais e antrópicos. Essa fragilidade supracitada pode ser observada mesmo pelo olho mais leigo, mas, *a fortiori*, é evidente ao olhar

técnico. Por esta razão, este artigo se apoia em uma dissertação de mestrado (REBOUÇAS, 2010) intitulada *A Influência Portuária no Modelado e Reconfiguração da Orla* que tratou sobre a influência da construção do Porto do Mucuripe no modelado e na reconfiguração do litoral de Fortaleza, com ênfase na formação da Praia do Serviluz e da Praia Mansa. Por ser a Praia do Serviluz mais conhecida pelos moradores como Praia do Titãzinho, decidimos neste estudo utilizar a denominação que lhes é familiar. Foi adjunta ao processo de pesquisa geográfica, uma sequência de contatos com a população local que nos permitiu conhecer a história do local desde mesmo antes a implantação do Porto. É dessa história que trataremos neste artigo. Achamos pertinente, entretanto, primeiramente apresentar o local de estudo para em seguida entrarmos na pesquisa¹.

1.1 Os portos e seus conflitos

“A história das nações é escrita com o trabalho de seus filhos, com a riqueza do seu solo e com o movimento dos seus portos”. Assim se expressa o consultor portuário Sérgio da Costa Matte, Engenheiro especializado em portos, professor universitário e presidente da Companhia Docas do Estado de São Paulo – CODESP entre 1980 e 1985, em entrevista ao periódico Carta ACS. Apesar de antiga publicação, sua afirmação continua atual e os portos ainda são hoje entrada de divisas de um país.²

No Brasil, assim como em todos os países do mundo, as cidades do litoral, onde existem terminais portuários, estão fortemente relacionadas ao papel histórico dos portos, cuja origem data do início de 1800, com a chegada da família Real ao País e a denominada abertura dos portos às nações amigas em 28 de janeiro de 1808. Empreendidos por D. João VI para realização do comércio de madeira, ouro e outras riquezas naturais existentes no País, e a importação de produtos manufaturados e outras especiarias para nobreza, os portos serviam também para facilitar o tráfico de escravos da África. Fortaleza não fugiu a essa regra.

Não se tem ideia da data exata da origem dos portos no mundo, com muito poucos registros sobre os primeiros portos. Fernandez-Armesto (2006 p. 39), em sua obra intitulada *Os Desbravadores* assim descreve:³

No começo do segundo milênio a.C., as cidades do Indo prosperavam em virtude de contatos a longa distância. Seus postos militares no exterior estavam claramente localizados de modo a favorecer o comércio – para atrair ou proteger navios e caravanas que vinham de longe.³

Pelo relato podemos deduzir que a atividade portuária existe há pelo menos 4 mil anos, sendo de conhecimento comum a importância do uso desse setor. Os portos são inegavelmente um setor que gera riquezas para o País.

No Brasil, a história portuária começa com as primeiras instalações rudimentares, construídas logo após o descobrimento, e ainda presentes hoje em algumas regiões, indo até as grandes estruturas dos complexos portuários e terminais especializados hoje existentes ao longo de toda sua costa (OLIVEIRA e RICUPERO, 2007). Essa evolução segundo Kappel (2005) teve pontos de inflexão de grande relevância em 1808, quando das concessões para exploração dos “portos organizados” e das ferrovias de acesso, no final do Século XIX.^{4,5}

No século XX, a implantação de terminais especializados, necessários e compatíveis com a industrialização do pós-guerra, funcionou como instrumento da prioridade exportadora dos Planos Nacionais de Desenvolvimento – PND’s, nos governos da ditadura militar, destacando-se aí a atuação da Portobrás. Segundo esse autor, a partir da década de 1990, o mesmo que ocorreu com os portos de praticamente todos os países, também ocorreu aos portos brasileiros: passaram por profundas reformas, com a finalidade de torná-los compatíveis com a nova ordem econômica e política internacional. Essa compatibilização se deveu ao fato de estarem diretamente “correlacionados ao desempenho portuário mundial, ao acelerado incremento do comércio internacional e à demanda por ganhos contínuos e exponenciais na eficiência produtiva” (KAPPEL, 2005; paginação irregular).⁵

De acordo com o que se vê tradicionalmente em cidades portuárias, a zona portuária de Fortaleza agrega moradores em geral de baixa ou baixíssima renda e simbolicamente constitui-

se como zona de baixo meretrício. Somados a essa realidade estão a violência e o tráfico de drogas, como aspectos da degradação social, e os impactos ambientais causados por emissão de resíduos sólidos, líquidos ou derrame de produtos perigosos. Segundo Oliveira e Ricúpero (2007), os portos são tradicionalmente regiões de conflito. Os aspectos ambientais, sociais e econômicos constituem cenários de desafio para a administração pública e atingem de perto a sociedade, com seus múltiplos riscos.⁴

Oliveira e Ricúpero (2007) argumentam que os conflitos formados por esses impasses só poderão ser atenuados ou resolvidos a curto, médio e longo prazos, com a realização de estudos científicos que assinalem os problemas e os imperativos locais e proponham planos de soluções, por meio do uso de tecnologias ou inovações necessárias para a adequação dos portos e de seu entorno a uma nova realidade.⁴

Tendo em vista os problemas aqui apresentados, e que claramente dizem respeito a um conflito socioambiental, formularam-se questões relativas aos objetivos de nosso estudo:

Quais os conhecimentos que a população detém relativos ao ordenamento urbano da praia em seu desenho atual (ano referência 2010), acerca da recuperação do ambiente e sobre as possibilidades de participação na atenuação dos riscos de soterramento das residências e equipamentos urbanos a montante do porto? Essas questões levantaram-nos demais dúvidas acerca dos procedimentos propostos pelos Guias da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (1997; 2001) sobre a Gestão Integrada da Zona Costeira – GIZC, em que a qualificação de uma área em estudo deve considerar seus aspectos físicos, sociais e humanos, a fim de responder a uma abordagem ecossociosistêmica que se conceba como sustentável para a comunidade. Não pretendemos aqui responder a essa questão proposta pela UNESCO, senão identificar como os moradores veem as mudanças impostas pelo poder público. A relação entre as abordagens da UNESCO e os discursos merecem um estudo mais apurado em momento futuro.^{6,7}

Partindo do reconhecimento do problema existente – alteração do modelado da costa após a construção do Porto do Mucuripe -, buscamos analisar a evolução histórica do local por meio do relato dos moradores comparando-os à análise temporal das imagens e analisar a evolução da ocupação antrópica face à progradação da praia. Para além desse interesse, buscamos ainda como objetivos específicos neste estudo conhecer qual o papel representado pela população no uso e manejo da praia e como essa população enfrenta os problemas do transporte eólico das areias rumo as suas residências, uma vez que a dinâmica costeira não foi impedida. Acreditamos que o relato dessas pessoas envolvidas diretamente seria de grande auxílio à compreensão dos problemas locais e nos auxiliaria na formação de um plano que viesse a contribuir com soluções que pudessem ser aplicadas na Praia do Serviluz, visando colaborar para a gestão integrada e sustentável desse trecho da zona costeira de Fortaleza.

1.2 O Serviluz: considerações sobre a área em estudo

A área abrangida em nosso estudo, Praia do Serviluz, está localizada na capital cearense. Assim como na pesquisa em que nos apoiamos (REBOUÇAS, 2010), este estudo também se restringiu à Praia do Serviluz, que está situada no bairro do Cais do Porto no limite geográfico que estabelece a mudança de orientação da linha de costa, sendo a porção a barlar do porto de orientação SE-NE, enquanto a vertente a sotamar orienta-se de ENE-WSW, no bairro do Cais do Porto. A pesquisa deteve-se à área delimitada pelo molhe de contenção da Praia do Futuro – molhe do Titãzinho – até a Rua Ismael Pordeus e da Avenida Zezé Diogo até o limite como o Oceano Atlântico, perfazendo hoje no final da primeira década do século XXI uma área aproximada de 537.000 m² e 1.400 metros de praia como podemos ver na Figura 1.¹

Localização da Área de Estudo

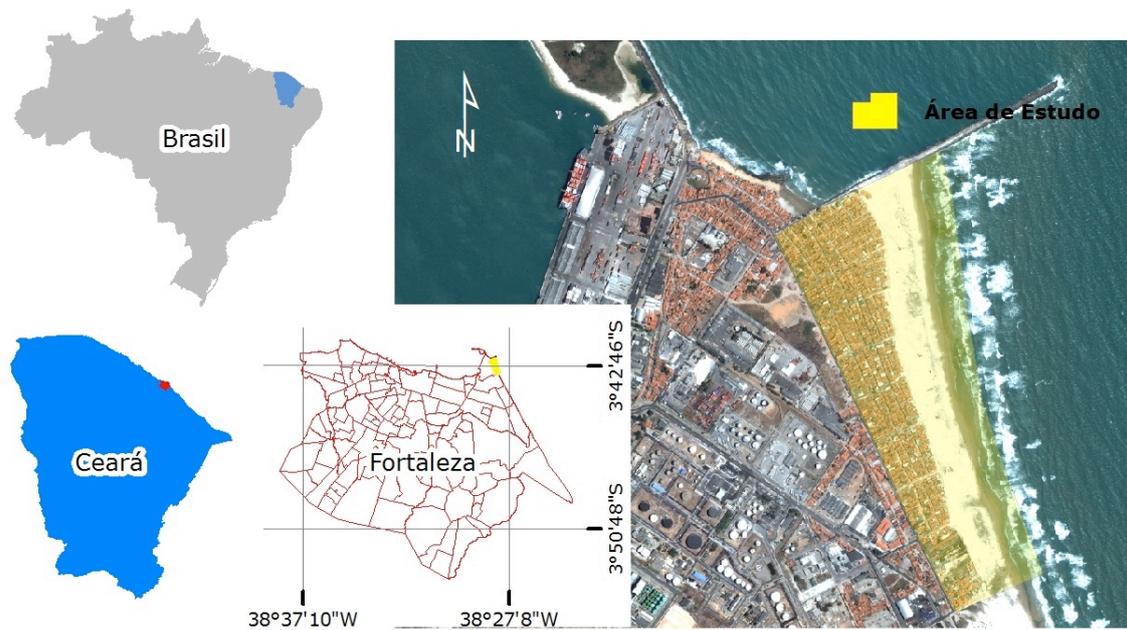


Figura 1: Localização da Praia do Titãzinho. Fonte: Imagem QB 2008, COGERH – (Compilação: Rebouças, 2010).¹

Não nos deteremos aqui em explicações acerca da dinâmica costeira que provocou o fenômeno mostrado na figura, uma vez que não é nosso objetivo discutir a morfodinâmica já discutida por Vasconcelos (2005) e Rebouças (2010) e demais autores que lhe serviram de referência, mas refletir sobre o conhecimento da população acerca do crescimento da praia – progradação – e as dificuldades decorrentes desse acúmulo de sedimentos que se depositam ali por estarem impedidos de continuarem sua transposição natural, haja vista a barreira imposta pelo porto. Segundo Rebouças (2010; p. 20) “se não houvesse o barramento causado pela construção do porto, das indústrias de derivado de petróleo ali instaladas e das casas, [os sedimentos] caminhariam rumo às praias do Mucuripe e assim continuariam a alimentar o sistema”. O molhe protege o porto ao mesmo tempo em que causa problemas à praia a montante.^{8,1}

Vasconcelos (2005 p. 60-1), considerando sobre o atual estado de praia em condição progressiva, afirma que:⁹

A praia aumentou a sua superfície em 493.000 m² em 37 anos. A progradação da praia aumentou a superfície de deflação na zona intermaré aumentando o poder de transporte de sedimentos pelo vento em direção ao continente, para edificar dunas. Na caminhada em direção ao continente, o sedimento encontra como obstáculo as construções residenciais e comerciais situadas à beira mar que são invadidas pela areia.⁹

Diante disso, podemos afirmar que a acumulação progressiva demonstra que o molhe cumpriu a sua função de retenção de sedimentos desde a sua construção, mesmo em prejuízo das praias localizadas a jusante do porto.

De certo que os efeitos da construção do Porto do Mucuripe não seriam sentidos nem seriam motivos de crítica se não tivéssemos outra forma de ocupação além do Porto. Mas devemos lembrar que, mesmo quando o Mucuripe ainda era distante uma légua do núcleo urbano, já era uma vila de pescadores. A ocupação da ponta do Mucuripe não se dá somente com a chegada do porto, ela remete ao século XIX, no entorno do farol velho. Numa cidade de costas para o mar com equipamentos urbanos apenas voltados para as populações mais abastadas, era de se esperar, como afirma Dantas (2002, p.39-40), que a ocupação da zona costeira fosse induzida por¹⁰

[...] importante contingente de emigrantes pobres do sertão. Eles estabelecem-se nos terrenos de marinha, área anteriormente ocupada pelas comunidades de pescadores, denotando crescimento dos efetivos demográficos, marcado por estado de saturação cujo testemunho, após final do século XIX, são as favelas [...] ¹⁰

Com a expansão urbana alavancada pelo porto, os pescadores moradores da Rua da Frente – hoje Av. Beira-Mar (Girão, 1959) foram removidos para o entorno do Serviluz. Muitos desses também foram morar na Praia Mansa, recém-formada pelo assoreamento. ¹¹

Segundo estudos realizados por Girão (1959), as primeiras instalações residenciais no atual bairro Serviluz datam do período compreendido entre os anos de 1940 e início da década de 1950. Segundo Jucá (2000), entretanto, existem indícios de que as primeiras ocupações no Serviluz sejam até mesmo da década de 1930, vez que a área era de colônia de pescadores. É consensual, ainda, entre historiadores e também entre moradores antigos do lugar, a informação de que as primeiras ocupações na região do Serviluz tenham sido formadas essencialmente por pescadores e imigrantes procedentes do interior do Estado, resultado do êxodo rural. Dessa ocupação, houve um aumento populacional de pescadores que residiam na Rua da Frente, que foram removidos dali em função da construção da Avenida Presidente Kennedy, atual Avenida Beira-mar (ARAÚJO, 2007). ^{11,12,13}

No ano de 1974, a Companhia Docas e a Marinha do Brasil removeram os moradores da Praia Mansa para além do molhe do Titã, sob a alegação de problemas naturais, como a subida das marés, que poderiam afetar as populações. Em estudo realizado acerca dos depoimentos dos moradores, coordenado por Cabanes (CEARAH Periferia, 2002), o Centro de Estudos, Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos, CEARAH Periferia (CEARAH 2002, p. 102-3), apresenta depoimentos que retratam a situação dessas pessoas no que diz respeito à remoção: ¹⁴

A mudança para esse lado do Serviluz aconteceu em 1974. Muita gente não queria sair [...] Chegou a um ponto em que o pessoal das Docas botava obstáculos no caminho da Praia Mansa para não deixar entrar alimentos... depois tinha que ter uma carteira para entrar na área e virou uma praia privada. ¹⁴

A instalação da Comunidade do Serviluz – Praia do Titãzinho - entre os bairros Cais do Porto e Vicente Pinzón foi aleatória e sem planejamento institucional. Acreditamos que esse caráter aleatório da ocupação seja preponderante no que tange à disponibilidade de dados oficiais e específicos sobre a comunidade Serviluz. A falta de dados concretos tornou inviável uma amostragem mais precisa sobre aspectos socioeconômicos e de infraestrutura do lugar. Também a carência de imagens que revelassem a evolução da ocupação local inviabilizou uma análise da progressão da instalação das residências pelos moradores no período compreendido entre os anos 1972 e 1995, quando o local sofreu grande avanço na ocupação de sua área.

Segundo a contagem do censo IBGE (IBGE, 2000), a população estimada do Titãzinho é de 20.000 habitantes, distribuídos entre dois bairros – Cais do Porto e Vicente Pinzón. Vale ressaltar que apenas uma quadra do Titãzinho está inserida no bairro Vicente Pinzón de acordo com a cartografia da PMF. Não foi possível em nosso estudo, no entanto, obter dados, sobretudo sobre a população que reside na área, vez que os dados não tinham como ser calculados por aproximação. A demarcação descrita pelos moradores com respeito a ruas e avenidas que delimitam a comunidade do Titãzinho, por meio da memória, foi essencialmente nosso artifício para conhecer o local. ¹⁵

No que diz respeito à nova localização de moradia, os moradores contam no documento CEARAH Periferia que

[...] escolheram os terrenos aqui e nós ficaríamos com lotes de seis metros de frente com doze de comprimento. Nós fazíamos a casa de cinco metros para deixar meio metro de cada lado. Tivemos que construir nossas próprias casas, todas de taipa. A rua onde fica hoje a associação era chamada de ‘rua da merda’ porque toda imundice do bairro era joga aqui [...] às vezes a água chegava a entrar dentro de casa ¹⁴

O progressivo aumento populacional do Titãzinho seja ele promovido por populações locais removidas para lá ou por processos migratórios atraídos pelo Porto do Mucuripe, construção que provocou modificação radical da paisagem local, avança acompanhando a proporção da progradação da praia. Entrevistamos um morador antigo, com mais de 40 anos de residência no Titãzinho, que delimitou ruas que abrangem a Comunidade, tornando possível um mapeamento do lugar. Este morador nos conta que se mudou para o Serviluz em 1951:

Essa rua tinha o nome que nós chamava... era a Rua da Frente... quando foi formada a avenida Beira Mar, na década de 62-64, esse pessoal foram todos indenizado e hoje esse pessoal que moravam aqui, que ainda tão vivo, vivem na Serviluz, eles foram mudados para a Serviluz e foi a mudança mais grande que teve aqui na cidade de Fortaleza. (E1)

A análise que nos faz esse morador, de que essa foi a maior mudança ocorrida em Fortaleza não é irreal, sobretudo se considerarmos o aporte socioeconômico que a valorização da orla recebeu nos últimos 50 anos, deixando Fortaleza, de ser uma cidade de costas para o mar e passando a ser também cenário da grande revolução das classes. Todas essas mudanças no perfil social da cidade vêm contribuir para o nascimento de novos bairros. Com a retirada dos antigos moradores da Beira Mar, resultante das construções ordenadas pela prefeitura da época, e a construção do Porto do Mucuripe, um novo local de moradia começa a surgir. Vale ressaltar que a chegada constante de novos moradores ao Serviluz somente agravou a ocupação da área. Ocupação cada dia mais aleatória e desordenada sem infraestrutura sanitária ou de serviços, mesmo nos dias de hoje.

Os trabalhos citados têm mostrado que o acúmulo de sedimentos e seu transporte eólico em direção às casas têm provocado danos estruturais e físicos à população do bairro do Serviluz/Titãzinho. Esses moradores travam luta contínua contra o soterramento de suas casas e contra os riscos de doenças causadas ou associadas ao excesso de material fino transportado pelo vento.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esse trabalho teve por objetivo realizar um estudo de caso tendo como campo de investigação a Praia do Titãzinho e suas modificações físicas, humanas e sociais ao longo dos últimos 50 anos (1960 – 2010). O Estudo de Caso é um modelo de pesquisa qualitativa que vem conquistando crescente aceitação na área da Educação. É um estudo de natureza descritivo-analítica, de abordagem predominantemente qualitativa no que concerne ao contato com os atores envolvidos, ou seja, gestores, moradores e comunidade científica. Tivemos como ferramenta de apoio a este estudo a abordagem qualitativa, uma vez que foram entrevistados alguns dos moradores da área e tendo em vista que a experiência humana, referida pelo próprio sujeito, é de grande valia para fundamentar o conhecimento sobre seus problemas e anseios.

Para Minayo (2007) a pesquisa qualitativa procura observar o fenômeno e compreender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas, além de permitir o entendimento sobre a complexidade de emoções, valores e atitudes. Vale assinalar que as pesquisas de natureza qualitativa objetivam em geral a exploração, a compreensão e a explicação de um fenômeno, a partir de informações subjetivas – aqui chamadas dados – e não de teorias e conhecimentos formalizados. Além disso, as pesquisas qualitativas têm como propósito elucidar significados de maneira específica e qualificar através da visão dos participantes em vez de quantificar por meio dos olhos do observador (MOREIRA e CALEFFE, 2006).^{16,17}

Para Stake (1988) e Yin (1984), o estudo de caso é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.^{18,19}

A escolha se justifica ainda por ser esta abordagem fundamental, quando se procura descobrir e entender o significado de eventos, práticas sociais, percepções e ações, dos indivíduos. Para obter as informações pertinentes aos objetivos deste estudo, foram realizadas duas séries de entrevistas: a primeira, em forma de questionário fechado, composto de 20 questões, as quais abrangiam informações acerca do perfil socioeconômico dos usuários.

Assim sendo, no que se refere às informações prestadas pelos moradores da área em estudo, esta pesquisa apresenta um contexto de abordagem qualitativa e constitui-se em um estudo de caso, cujo destaque está em compreender os acontecimentos a partir da perspectiva dos sujeitos participantes. Esse tipo de pesquisa é preferível em situações em que questões do tipo “como” ou “por que” são apresentadas, uma vez que evitam a manipulação de dados. É ainda favorável quando o pesquisador, por razões práticas ou éticas, não pode realizar estudos experimentais (YIN, 2001).²⁰

André (2005) assinala que o estudo de caso é proveitoso por sua capacidade de retratar situações da vida real, sem prejuízo de sua complexidade e de sua dinâmica natural. Isso vai demandar aceitação do pesquisador pelos participantes do estudo nas relações de campo.²¹

O estudo de caso é também valorizado por sua capacidade heurística, isto é, por lançar luz sobre o fenômeno pesquisado, de modo que o observador possa desvendar novos sentidos, ampliar suas experiências ou ratificar o que já lhe era de conhecimento prévio.

André (2005) destaca como outra qualidade do estudo de caso sua contribuição à busca de soluções para os problemas da prática social. Isso significa que enfatizando uma instância em particular e fazendo aparecerem suas múltiplas dimensões, assim como suas diversas interações, o estudo de caso pode fornecer informações valiosas para medidas de natureza prática e para decisões políticas. Isso significa que tanto a coleta quanto a divulgação dos resultados devem estar pautadas por princípios éticos, por respeito aos sujeitos, de modo que sejam evitados constrangimentos aos participantes por influência de cunho ideológico do pesquisador. É importante lembrar que obter o consentimento dos participantes é fundamental. Este procedimento pode ser realizado por meio de instrumentos formais ou não; o importante é que sejam explicitadas as questões e estabelecidos os acordos.²¹

2.1 participantes do estudo

Participaram do estudo na primeira fase 54 moradores locais, além de dois representantes comunitários e a presidente de uma das associações comunitárias locais. Na segunda fase da coleta de informações, participaram 10 moradores cujo critério de escolha já foi explicado no item anterior. Ressaltamos que os 10 moradores que participaram da segunda fase foram escolhidos a partir do primeiro questionário aplicado, em que se perguntava, entre outras coisas, sobre o tempo de moradia no local.

Os participantes do estudo foram, inicialmente, entrevistados individualmente. Para complementação das informações necessárias a esta pesquisa, a segunda etapa de questões aos moradores foi feita individualmente em suas residências, utilizando-se de um roteiro de entrevista aberta, conforme explicitado acima.

Avaliamos que seria pertinente o fato de estarem esses sujeitos em áreas de seu conhecimento e convívio. A segunda etapa da pesquisa se deu até o pesquisador perceber a saturação dos relatos. Segundo Minayo (2007) o critério de saturação é atingido no momento em que o pesquisador, pelos dados obtidos em campo, consegue compreender a lógica do grupo em questão, não sendo determinante o número de sujeitos da amostra. Portanto, 10 sujeitos com idades que variavam de 65 a 82 anos participaram do estudo e com esses dados foi possível obter subsídios para a compreensão do fenômeno de modificação da área em questão.¹⁶

Para a coleta dos dados, a primeira etapa deste estudo aplicou junto a 54 moradores da Praia do Titãzinho um questionário fechado, cujas respostas foram lançadas em banco de dados relacional PostgreSQL com extensão espacial PostGIS, onde foram processadas conforme as diretrizes metodológicas propostas pela UNESCO (1997)⁶ no Guide Méthodologique d’Aide à La Gestion Intégrée de La Zone Côtière, n° 36 – Etapa 3, Planilha 3 – que trata da qualificação do espaço costeiro, no que diz respeito aos modos de uso e ocupação do espaço em questão pelo homem.

Na segunda etapa deste estudo, foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, gravada em meio digital para posterior transcrição na íntegra pelo próprio pesquisador. A preferência pela entrevista semiestruturada se justifica, pois nesta modalidade, segundo (BIASOLI-ALVES, 1998, p. 145)²².

as questões seguem uma formulação flexível e a sequência e minuciosidade ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente.²²

A opção por esta técnica se deveu ao fato de, por meio da entrevista semiestruturada, ser possível ao pesquisador o acesso a dados descritivos na linguagem do próprio sujeito e por possibilitar que o pesquisador desenvolva uma opinião objetiva sobre o modo como os sujeitos interpretam as ações antrópicas sobre o mundo. As entrevistas permitem, além disso, o mapeamento de práticas, crenças e valores, permitindo a coleta de informações sobre o modo como os sujeitos entendem a realidade que vivenciam e a lógica que aí se encontra (DUARTE, 2004)²³.

Os questionários foram aplicados em um mesmo dia, junto a 54 moradores, dando-se prioridade àqueles que residem no local há mais de 50 anos. A segunda série de questões foi realizada em dias diferentes, com os dez moradores mais antigos do local e que têm suas atividades ligadas à área em estudo ou em seu entorno. O critério de escolha por antiguidade se caracterizou por serem estes dez moradores antigos moradores do Mucuripe ou da Praia Mansa, e que foram realocados no Titãzinho em 1974, pela Capitania dos Portos, por ser a região do porto, a partir de então, de posse e domínio institucional.

As entrevistas não foram agendadas previamente, tendo sido realizadas de acordo com a disponibilidade do pesquisador, haja vista ser a fase de coleta de informações e de análise laboratorial muito longa. Para as entrevistas a pesquisa contou como o apoio de um aluno de graduação da Universidade Federal do Ceará bolsista de um Projeto de Extensão cujo tema se ligava ao Serviluz¹. Os encontros com cada um dos 10 moradores teve duração de 20 a 30 minutos e as transcrições posteriores tomaram em torno de 3 a 4 horas, cada uma.

2.2 Organização e análise dos dados

A fim de garantir o anonimato dos participantes e entrevistados, foi utilizada a seguinte legenda:

E – Entrevistado (sequência de 1 a 10 = E1, E2, E3...)

RC – Representantes comunitários (sequência RC1 e RC2)

Pd.- Presidente de Associação

Inicialmente foi feita a transcrição integral das entrevistas, seguida de uma primeira exposição dos dados. A transcrição não seguiu nenhum modelo pré-estabelecido, tendo sido realizada utilizando-se literalmente as falas dos entrevistados. Na sequência procedeu-se à leitura do material empírico e, para tornar os relatos mais compreensíveis para o leitor, foram corrigidos erros grosseiros da língua portuguesa, sem, no entanto, alterar o significado ou particularidades dos relatos.

Para análise desses relatos utilizamos da técnica de análise de conteúdo, que segundo Laurence Bardin (1997, p. 37)²⁴:

é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens.

Para o tratamento das entrevistas, utilizamos a técnica da análise temática ou categorial apresentada por Bardin (1997), técnica segundo a qual, o processo de desmembramento do texto

¹ Magno dos Santos Gomes. Projeto: Memórias de um Espaço Criado: Narrativas de Moradores do Serviluz. PROEX/UFC 2009-2010. Sob Coordenação da Professora. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

em unidades torna possível ao pesquisador descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias.²⁴

As entrevistas realizadas junto aos moradores do local em estudo foram transcritas tais como foram gravadas, sem utilização de nenhuma técnica específica, sem considerar desvios gramaticais, privilegiando a mensagem do sujeito. Depois de transcritas, as respostas ao questionário foram submetidas ao processo descrito abaixo pelo diagrama da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1997; p. 102), assim divididos em pré-análise, exploração de material e tratamento dos resultados e interpretações.²⁴

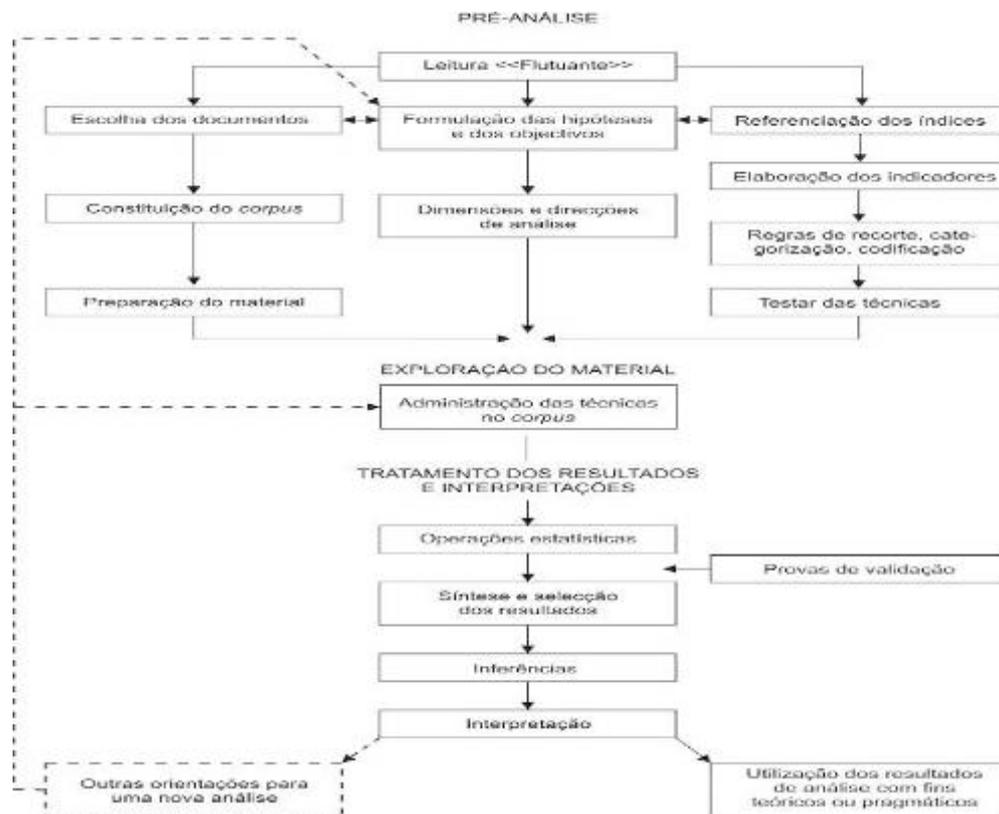


Figura 2: Diagrama da Análise de Conteúdo
Fonte: Bardin, 1997 p. 102.²⁴

Escolhemos esse aporte teórico-metodológico de análise por acreditar responder de maneira mais objetiva aos nossos propósitos. Segundo ainda a autora “por trás do discurso aparente geralmente simbólico esconde-se um sentido que convém desvendar” (BARDIN, 1997, p. 14). Essa afirmação nos levou a uma análise atenta das entrevistas realizadas, por termos que trabalhar de maneira interpretativa o conjunto de informações prestadas pelos entrevistados. O passo seguinte da análise dos dados foi a categorização. Como passo final, iniciamos um processo de análise das relações entre essas opiniões, a fim de compreender o fenômeno na perspectiva humana.²⁴

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A grande dificuldade que se encontra no momento de se analisarem dados subjetivos, em especial entrevistas e relatos abertos, é o que Minayo (2007) chama de “ilusão de transparência”. Isso se explica pelo fato de que as falas gravadas em campo e transcritas em laboratório são na verdade os dados brutos que ainda serão transformados em resultados de pesquisa, por meio de procedimentos específicos a cada categoria de análise. A ilusão de transparência por parte do pesquisador acontece muito frequentemente em função da impressão

de verdade que se estabelece na fala espontânea dos sujeitos entrevistados. É preciso, no entanto, buscar informações históricas e atrelá-las ao conhecimento popular a fim de organizar um panorama dos acontecimentos.¹⁶

As informações contidas na seção 1.2 são fundamentadas em estudos históricos, por meio de documentos institucionais de valia científica. Os depoimentos aqui apresentados são as histórias das pessoas tais como foram vivenciadas pelos moradores locais. Tomaremos como base o depoimento de um morador que nos conta a história do lugar:

Nossa... é uma história muito da longa. Quando vim morar aqui estavam construindo o porto. Era uma bagunça de caminhões indo e vindo cheio de pedras pra construir aquele segundo paredão de pedras. Fumos morar lá na Praia Mansa, a gente morava ali sabia? Era, tinha muitas casinhas. Antes do porto acabar totalmente a sua construção. Então essa área aqui começou porque o Titã Velho (Praia Mansa) foi invadido pelas águas, e o governo com medo, a Capitania com medo de o pessoal anoitecerem vivo e num amanhecerem que o mar tava crescendo muito, tomando os paredão... pra gente atravessar nas marés grandes era um sufoco. A gente ia enxuto e voltava molhado porque o banho era certo. Maior perigo! Então, aí eles butaram o pessoal pra essa área, e foi se localizando, aumentando e duma família trazendo outra e assim sucessivamente... daí a Docas planeou o terreno, loteou para cada família 12 metros de comprimento por 6 de frente. Esses 6 metros de frente nós fazia as casas de 5 metros de casa e ficava meio metro de cada casa, pra num ficarem conjugadas... eles doaram vara, que não era de tijolo, barro, as madeiras e as telhas para cada morador (E1)

O nosso cuidado em deixar o entrevistado sempre em seu espaço de convívio e moradia, como já foi explicitado na sessão dedicada à metodologia, teve o objetivo de promover uma situação mais natural de conversa com os moradores, vez que o inconveniente de uma entrevista é inevitável e a presença de um entrevistador tende a provocar desconforto ao informante. Tomamos o cuidado também em deixar claro ao morador entrevistado que nosso trabalho não visava a uma mudança social ao bairro nem a denúncias sobre as condições de moradia, mas que poderia vir a ser um instrumento de revelação de problemas com bases científicas, com vistas a projetos de urbanização e melhoria da área, a ser apresentado aos órgãos competentes.

Inicialmente, após a transcrição das 10 entrevistas, e seguindo o esquema proposto por Bardin, realizamos uma leitura flutuante das respostas apresentadas pelos moradores, de maneira a ter uma visão geral dos discursos proferidos e levando em conta, sobretudo, a vivência dessas pessoas no bairro em questão, suas experiências e o conhecimento que trazem acerca da história do lugar. As respostas foram selecionadas segundo atendessem especificamente ao assunto que concernia diretamente ao tema desse estudo e em seguida tabulados os recortes para categorização e codificação seguindo a metodologia proposta. Vale ressaltar que não houve grandes divergências entre as respostas dadas às questões fechadas e a entrevista semiestruturada realizada a seguir.

A passagem do texto bruto ao resultado de pesquisa permite destacar informações que ilustrem ou pelo menos ajudem a revelar os fenômenos investigados. Não houve, entretanto, modificações de grande relevância nas entrevistas transcritas. O material de análise foi então selecionado a partir do comparativo entre respostas recorrentes e de respostas inéditas prestadas pelos moradores nos dois momentos de encontro que pudemos realizar com os grupos determinados. Organizamos para a exploração dos dados advindos das entrevistas duas linhas de categorias específicas, segundo as respostas dadas: a categoria tempo e a categoria evento.

No panorama da categoria tempo, dispusemos os relatos segundo o tempo de moradia dos informantes no Titãzinho. No panorama da categoria evento, os relatos foram dispostos de maneira a demonstrar a noção de responsabilidade individual, qual seja, o sujeito morador como responsável por sua moradia e pelas condições que envolvem segurança – relativas às queixas acerca da violência urbana –, salubridade – no que tange às condições de saneamento, saúde – o que envolve ao mesmo tempo o deslocamento das areias pelos ventos e a carência de

atendimento médico que supra as demandas da comunidade – e, por fim, o que os moradores classificaram como descaso do poder público em relação à comunidade.

O tempo de moradia é pertinente, uma vez que constitui testemunho real e atualizado sobre a evolução da ocupação da área, bem como sobre o processo de progradação da praia, a que os moradores chamam de “crescimento da praia”. Em complementação, a categoria evento é pertinente por fazer aparecerem nas falas dos moradores as provas dos problemas e suas queixas relativas às condições de moradia: causas e consequências dos problemas, assim como os responsáveis e as possíveis soluções, segundo a população de nosso estudo.

Em consonância com nossos pressupostos apresentados no início desse estudo, foi possível perceber, *a priori*, um distanciamento entre a gravidade do problema de progradação e caminhamento das areias que apontamos e as falas dos entrevistados. O avanço das areias se mostra como apenas “só mais um dos problemas” existentes no local, sendo o mais grave o da violência. Vemos, entretanto, que os problemas acarretados por esse fenômeno são sempre presentes nas falas, embora os moradores não deem ao fato a relevância que esperávamos.

A fim de dar relevância aos problemas que interessam ao nosso estudo, tomamos do questionário inicial seis questões enfocando o tema. Enfocamos também, de maneira meramente ilustrativa, haja vista que o interesse da análise de conteúdo aqui abordada se perfaz sem o estudo estatístico das entrevistas, o percentual de respostas recorrentes. As provas de validação foram efetuadas com as entrevistas junto aos líderes comunitários, vez que são eles os primeiros a ouvirem os moradores e que têm muitas vezes as mesmas queixas, já que também são moradores.

O interesse em compreender as diversas opiniões dos moradores e em seguida cruzá-las com as opiniões dos seus representantes se justifica pela natureza descritiva dessa fase do trabalho, vez que é preciso ver se a voz da comunidade está sendo representada pelos líderes. Essa confirmação sendo feita nos permite fazer inferências sobre a iniciativa da comunidade quando de um plano de gestão integrada. Por essa razão deixaremos de lado respostas extremas, tais como “não tem nada de bom aqui (E9)” e “aqui é o melhor lugar do mundo (E7)”, haja vista serem manifestações demasiadamente emotivas e frequentemente contraditas na continuação da entrevista desses informantes.

Em relação aos questionários cujas respostas apresentaremos abaixo, é importante levar em conta que se trata de uma amostragem validada também por estudos comparativos com as entrevistas levantadas por outros autores (ARAÚJO, 2007; CEARAH, 2002). Vale ressaltar que os percentuais aqui mostrados não são exatos, uma vez que as respostas muitas vezes englobaram duas classes de queixas.^{13, 14}

Veremos na sequência, as respostas dos 54 entrevistados compiladas nas categorias previstas e classificadas acima, a partir do seguinte grupo de perguntas extraídas das 21 questões do questionário inicial:

- Há quanto tempo mora no local?
- Como considera a moradia?
- Quais os problemas enfrentados?
- Quais as causas desses problemas?
- Quem são os responsáveis pelos problemas?
- Quem deve resolver os problemas?

Para a análise das informações coletadas, podemos ver no quadro abaixo a disposição das categorias:

Quadro 1 - Informações coletadas com moradores

CATEGORIAS	INFORMAÇÕES		
	Número de pessoas	Tempo de moradia	Chegada ao local (data informada)
TEMPO	10	> 50 anos	Década de 1950
	14	> 30 anos	Década de 1970
	4	> 20 anos	Década de 1980
	8	> 10 anos	Década de 1990
	18	< 10 anos	Década de 2000
	Evento	Queixas dos Moradores	
“Avanço das areias”		48%	
“Esgoto e areias”			
“Descaso do poder público”			
“Falta de saneamento básico”			
“Lixo”			
“Doenças que a areia pode causar”			
“Poluição”			
“Areia, lixo, poluição da água parada”			
“vento e buraco no asfalto”			
“alagamento”			
“Brigas de gangues”		22%	
“Violência, maresia e areia”			
“Violência crescente”			
“Brigas de gangues e avanço de areia”			
“Nada de bom aqui”		2%	
“Aqui é o melhor lugar do mundo”		2%	
Não Responderam		40%	
Responsáveis pelos problemas			
“Governo”		4%	
“Prefeitura”		46%	
“Governo e Prefeita”		11%	
“Os membros das associações”		4%	
“não é culpa de ninguém. É a natureza”		7%	
“Os moradores que não denunciam”		11%	
“Carro do lixo”		4%	
Não sabem		4%	
Não responderam		9%	
Soluções previstas pelos moradores e quem deve resolver			
“Prefeitura”		48%	
“Governo”	4%		
“Só Deus”	4%		
“A sociedade mesmo”	11%		
Não responderam	22%		
Outro	11%		

Fonte: Rebouças (2010).¹

Parece indiscutível a correlação sistemática estabelecida pelos moradores entre a não realização de obras de saneamento básico, a não retirada das areias e a ausência de projetos de segurança local. Um morador nos conta que

Uma vez e outra eles tiram um pouco das areias com uns tratores aí. Mas eles só fazem isso quando tem casas que estão bem pertinho de serem engolidas pelas areias. É um inferno esses meses que não chove. A areia é muito fina, entra pelas telhas e invade as nossas casas (E10).

Podemos ver no quadro de respostas, com frequência, queixas cruzadas entre esses três temas aliadas a uma forte descrença no poder público, como já dissemos mais acima. Vemos pelo quadro que apenas duas pessoas afirmaram não haver “nada de bom aqui” em resposta à questão “Como considera a moradia?”. Esses mesmos moradores afirmaram, entretanto, que “às vezes é boa”, e suas queixas se voltaram, sobretudo, para as brigas das gangues e o avanço das areias. Um morador nos confessa que

Mas aqui o que mais nos incomoda são as areias. Nessa época do ano (de agosto a dezembro) é que ela nos tira o sono. A gente não consegue comer direito, a comida desce com areia e tudo. Pra comer nós temos que ir para debaixo da mesa (rindo), não é brincadeira não. Você tem que ver isso, pode até tirar foto (E8).

Em se tratando das soluções, os moradores visualizam que a responsabilidade é aliada à “culpa” pelos problemas. A Prefeitura foi a mais citada quando perguntamos sobre os itens “responsabilidade e soluções”, embora a descrença no poder público venha a reboque desta responsabilização e sob a égide do descaso com a sociedade.

Araújo (2007) encontrou respostas muito aproximadas das nossas. Em seu estudo sobre a memória dos pescadores acerca da modificação da paisagem da Beira Mar de Fortaleza, a autora entrevistou 8 pescadores que foram remanejados da Rua da Frente, nos anos 1960, para as obras do calçamento da atual Beira Mar, dos quais 4 se instalaram no Serviluz. Esses moradores ratificaram as dificuldades enfrentadas decorrentes do avanço das areias e relatadas por nossos informantes.¹³

Permanece, porém, um aspecto divergente no que concerne à realização ou não de obras de urbanização no local. Os moradores relataram sobre o crescimento da praia, como vemos no relato abaixo:

A minha casa... a gente abria o quintal lá... o portão de casa e via o mar. Depois o bairro foi aumentando, aumentando e as casas aumentando também e hoje em dia o Serviluz tá do jeito que tá (E5).

É curioso notar que, além da precariedade das condições de habitação, a comunidade local não dispõe de documentação referente às suas residências, haja vista a ocupação ter sido fruto de ocupações aleatórias constantes ao longo do tempo. Não constou nas respostas às entrevistas, em nenhum momento, a questão fundiária. Não nos pareceu que a população tivesse esse tipo de inquietude relativa à sua moradia, vez que, apesar de esperarem, mesmo dos céus, a solução aos problemas gerais, esses moradores detêm suas preocupações em torno de problemas imediatos, como a falta de segurança, devida à crescente violência, o avanço das areias e o grave problema do lixo, conforme relata o morador E4.

Ruim daqui é só a marginalidade, a galera... avacalha o lugar. Fica fazendo confusão por besteira...tem as brigas com outras gangues por causa de droga. Tem aí as associações que dão curso eles podendo procurar isso não...querem mesmo é viver aí nas drogas.

Apenas dois moradores relacionaram as areias a questões de adoecimento, o que nos leva a crer que não há, por parte da população, vislumbre da relação entre avanço das areias e perigo. O mesmo não se pode dizer da relação entre lixo e saúde. Os moradores estabelecem estreita relação entre “lixo”, “água parada” e doenças diversas que possam ser causadas por esses elementos, mas, como pode ser visto na Figura o lixo continua sendo colocado em locais inadequados, como as vias públicas e na própria praia.



Figura 3: Lixo na praia. Fonte: Rebouças (2010).¹

Vale ressaltar ainda que 30% dos moradores desconhecem as causas dos problemas que enfrentam no dia-a-dia, tais como o que chamam de “avanço” ou “invasão das areias”. Um dos entrevistados (E3) relatou a experiência de ter de sair de casa pelo telhado, quando, numa manhã, não conseguiu abrir sua porta. Esse entrevistado, morador há 50 anos, conta que viu a “praia crescer” e afirma que a doação das areias – de que trataremos na sessão sobre projetos – foi uma boa iniciativa da Prefeitura para mitigar o problema da invasão das dunas nas casas.

Como citamos acima, a categoria tempo nos serviu para compreensão do acompanhamento da população no processo progradativo da Praia do Serviluz ao longo dos últimos 50 anos, vez que o testemunho das pessoas traz acoplado a realidade cotidiana, muito valiosa para o cumprimento de uma gestão integrada.

Assim como reza o guia GIZC, o conhecimento da base auxilia na compreensão dos problemas a serem administrados pelo topo.

4. CONCLUSÕES

Em consonância com nossos pressupostos apresentados no início desse estudo, foi possível perceber, *a priori*, um distanciamento entre a gravidade do problema de progradação e caminhamento das areias. O avanço das areias mostra-se como apenas “só mais um dos problemas” existentes no local, sendo o mais grave o da violência. Vemos, entretanto, que os problemas acarretados por esse fenômeno são sempre presentes nas falas, embora os moradores não deem ao fato a relevância que esperávamos.

Assim como indicam os guias GIZC, o conhecimento da base auxilia na compreensão dos problemas a serem administrados pelo topo. O avanço das areias, o segundo maior vilão nas queixas dos moradores, após a violência local, é de fato o natural caminhar das dunas, e não seria o problema, se não existisse a instalação da comunidade. Há uma inversão dos acontecimentos, que não cabe aqui ser discutida, vez que o problema já está consolidado e não há, salvo com uma intervenção drástica, formas de resolvê-lo definitivamente. O evento progradação se constitui na realidade cotidiana dessa população e constrói com ela a história da praia e dos moradores.^{6,7}

5. AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo suporte financeiro concedido por meio da bolsa de demanda social.

À Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará – UFC, pelo suporte financeiro concedido por meio da bolsa de extensão.

1. REBOUÇAS, Roberto Bruno Moreira. A influência portuária no modelado e reconfiguração da orla: o caso do Porto do Mucuripe e Praia do Serviluz (Fortaleza, Ceará, Brasil). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE. 132 p.
2. Carta ACS. Publicação trimestral da Associação Comercial de Santos - Ano XXII - Out/Dez 2004 nº 172.
3. FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. Os Desbravadores. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2006.
4. OLIVEIRA, Luis Valente de; RICUPERO, Rubens. A Abertura dos Portos. (Orgs.) São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007, 352 p.; ISBN: 978-85-7359-651-9.
5. KAPPEL, Raimundo F. Portos brasileiros: novo desafio para a sociedade. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA – SBPC, 57, 2005, Fortaleza. Anais eletrônicos. Fortaleza: UECE, 2005. Disponível em: www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/raimundokappel.html. Acesso em 18 jan.2013.
6. UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Methodological Guide to Integrated Coastal Zone Management. Intergovernmental. Paris: Oceanographic Commission, 1997.
7. UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura Des Outils et des Hommes pour une Gestion Intégrée des Zones Cotieres. Guide Methodologique – Volume II. Paris: Oceanographic Commission, 2001.
8. VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Riscos Naturais e Antrópicos Na Zona Costeira. Anais da 57ª Reunião Anual da SPBC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Julho 2005. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/fabioperdigao-riscos.htm. Acesso em 10 jan. 2013.
9. VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Gestão Integrada da Zona Costeira: Ocupação antrópica desordenada, erosão, assoreamento e poluição ambiental do litoral. Editora: Premium, Fortaleza, 2005.
10. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002. 112 p.: il.
11. GIRÃO, Raimundo. Geografia estética de Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.
12. JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e Reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960). São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
13. ARAÚJO, Rachel Garcia Bastos de. O turismo e a transformação da paisagem da Beira Mar de Fortaleza: uma descrição memória dos pescadores locais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Universidade Estadual do Ceará, 2007.
14. CEARAH Periferia. Vivências, lutas e memórias: histórias de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
15. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Coordenação. Censo Demográfico 2000. Características gerais da população: resultados da amostra. Número 11. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003.
16. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2007.
17. MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. RJ: DP&A, 2006.
18. STAKE, R. (1988). Case study methods in educational research: Seeking sweet water. Em R. M. Jaeger (Ed.), Complementary methods for research in education, Washington, DC: AERA.
19. YIN, R. (1984). Case study research: Design and methods. Newbury Park, CA: Sage.
20. YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
21. ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo Afonso de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
22. BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A pesquisa em psicologia: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento científico. In: ROMANELLI G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Org.). Diálogos metodológicos sobre a prática de pesquisa. Ribeirão Preto: Legis Summa, p. 135-157, 1998.
23. DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Curitiba: Educar, 2004.
24. BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1997.